

UM MILHÃO-MILHÃO

Debi Stack

Papai, quanto eu custei?

Sentada sobre o baú de cedro do quarto de meus pais, eu os ouvia conversar sobre o orçamento do mês e sobre as contas - conversas tão relevantes em 1967 quanto hoje em dia. Minha cabecinha de seis anos, na época, concluiu, equivocadamente, que minha família era pobre.

Em pé, em frente à cômoda, papai olhava as contas. Ele vestia jeans desbotados, uma camiseta e um par de alpargatas brancas, manchadas de verde por tê-las usado enquanto aparava a grama de nosso jardim.

Mamãe dobrava as roupas limpas formando pilhas iguais de roupas que tinham secado ao sol. Ao ver o meu conjunto de shorts manchados, eu me lembrei do dia do piquenique.

Eles continuaram a conversa sobre dinheiro, e papai sentou-se a meu lado no baú. Puxei a pulseira de metal do relógio de papai e vi a marca do sol em seu pulso, o que me lembrava da barriga de um peixe. Pedi a ele que "mostrasse seu muque", enquanto eu pressionava seu bíceps. Nesse instante, ocorreu-me um pensamento que me atingiu como um balde de água fria: papai terá que pagar por num.

Embora a história de meu nascimento fosse a minha favorita na hora de dormir, nunca tinha considerado as contas de hospital... ou as muitas refeições que eu já fizera... ou o preço das roupas que eu vestia.

- Papai - interrompi, novamente. - Quanto eu custei?

- Deixe-me pensar... - Ele suspirou e colocou seu relógio na gaveta de sua cômoda. - Aproximadamente um milhão de dólares.

Minha alegria evaporou num instante. Um milhão de dólares.

Por minha causa, papai trabalhava em dois empregos. Por minha causa, ele dirigia um carro velho, almoçava em casa, e seus sapatos viviam no sapateiro.

Cabisbaixa, desci do baú e fui arrastando os pés até a cozinha.

Ali estava meu cofrinho, com cada centavo que eu possuía - sete dólares. Não eram cédulas, mas sete brilhantes moedas prateadas de um dólar. Uma para cada aniversário e uma para o dia em que nasci.

Abri o cofre, e as moedas caíram em minhas mãos. Sempre brincava escondido com aquelas moedas, jogando-as em uma sacola, enquanto fingia que era uma cigana ou uma princesa em ruga. Elas ficavam sempre no cofre, e eu sentia um grande prazer por saber que estavam ali.

Mas, naquele dia, o tinido de cada moeda não foi sonoro para mim.

Voltei ao quarto e nem notei se eles já tinham mudado de assunto. Puxei a camisa de papai, enquanto, com a outra mão, segurava a primeira parte do pagamento de um milhão de dólares.

- Aqui - disse fungando. - Talvez isso ajude a pagar por mim.

- O quê? - perguntou papai sem entender.

Será que ele não se lembrava do que dissera? Ele não se lembrava de quanto eu custara só de olhar para mim?

Finalmente, compreendeu o que os meus olhos cheios de lágrimas queriam dizer.

Papai ajoelhou-se e puxou-me para perto dele.

- Você não custou um milhão de dólares, mas vale um milhão-milhão de dólares. Se eu tivesse que pagar tudo isso por você, daria o dinheiro sem pensar! Agora, enxugue esses olhos e guarde o cofrinho.

Naquele momento, fiquei aliviada por papai não ter uma dívida de um milhão de dólares, mas fiquei mais aliviada ainda por não ter perdido minhas moedas prateadas.

Ainda hoje, quando me lembro ou falo desse acontecimento, meu coração se enche de satisfação. Para papai, não havia dinheiro que pudesse me comprar. Para mim, não há dinheiro que possa comprar meu pai.

Obrigada, papai. Eu amo você também.